

A monotongação dos ditongos orais decrescentes no falar manauara¹

The monophthongization of decreasing oral diphthongs in Manauara speaking

Orlando da Silva AZEVEDO*

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Geise Freitas de OLIVEIRA**

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

RESUMO: Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), é descrito, neste artigo, o processo de monotongação dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ no falar manauara. Os dados foram obtidos por meio de diferentes instrumentos de coleta de dados para a captação de diferentes registros de fala: entrevista sociolinguística, aplicação de questionário fonético-fonológico e leitura de textos. Para a composição da amostra, foram entrevistados 16 informantes da zona urbana de Manaus. Os resultados gerais mostraram que para /aj/, a monotongação é bem reduzida na fala manauara; para /ej/, a redução do ditongo é mais abrangente, mas está em variação equilibrada com a manutenção do ditongo; já para /ow/, a monotongação ocorre de forma mais geral, atingindo a maior frequência de uso da variante reduzida dentre os ditongos analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação. Ditongo. Monotongação.

ABSTRACT: Based on the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), this article describes the process of monophthongization of the decreasing oral diphthongs /aj/, /ej/ and /ow/ in the manauara Speaking. Data were obtained using different data collection instruments to capture different speech records: sociolinguistic interview, application of a phonetic-phonological questionnaire and reading of texts. To compose the sample, 16 informants were interviewed in the urban area of Manaus. The general results showed that for /aj/, monophthongization is significantly reduced in Manauara speech; for /ej/, the reduction of the diphthong is more comprehensive, but is in balanced variation with the maintenance of the diphthong; As for /ow/, monophthongization occurs more generally, reaching the highest frequency of use of the reduced variant among the diphthongs analyzed.

¹ Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado de Oliveira (2021) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas.

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Contato: orlandoazevedo@ymail.com

** Mestre pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora Substituta da Universidade Federal do Amazonas. Contato: geiseoliveira@ufam.edu.br

KEYWORDS: Sociolinguistics. Variation. Diphthong. Monophthongization.

Introdução

Nesta pesquisa, de cunho sociolinguístico e na perspectiva variacionista (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), analisa-se o fenômeno da variação linguística em nível fonético-fonológico, envolvendo a monotongação dos ditongos orais decrescentes no falar manauara.

No português do Brasil, os ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ podem se realizar foneticamente, por exemplo, como [aj], [ej] e [ow] nas palavras *caixa*, *peixe* e *couve*, transcritas, respectivamente, como [ˈkaj.ʃɐ], [ˈpej.ʃi] e [kow.vɪ]; como [a], [e] e [o] nas mesmas palavras com supressão das semivogais, sendo transcritas, respectivamente, como [ˈka.ʃɐ], [ˈpe.ʃi] e [ˈko.vɪ]. O fenômeno em que alguns ditongos podem ser reduzidos a uma vogal simples, cujo segmento de menor proeminência acentual, chamado na literatura de *glide* ou semivogal, não se manifesta foneticamente, é chamado de monotongação (Seara; Nunes; Lazzarotto-Volcão, 2019; Silva, 2014).

A redução de ditongos não ocorre de forma livre. Existem contextos estruturais específicos que favorecem a redução de determinados ditongos. Nos casos dos ditongos /aj/ e /ej/, o segmento posterior é um forte condicionador linguístico que pode favorecer a monotongação. Já para o ditongo /ow/, a monotongação tende a ocorrer independente de qualquer condicionador interno (Lopes, 2002; Silva, 2014).

No Brasil, muitos trabalhos já abordaram a redução dos ditongos orais decrescentes, como é o caso das pesquisas de Veado (1983), Lopes (2002), Amaral (2005), Carvalho (2007), dentre outros estudos feitos a partir da observação empírica de dados de fala. No Estado do Amazonas, no entanto, poucas pesquisas abordaram esse fenômeno variável. Destacam-se os estudos dialetológicos de Cruz (2004), de Justiniano (2012), e o estudo com análise de dados de escrita de Silva (2017). Devido à escassez de pesquisas sobre a redução dos ditongos no Amazonas na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, e com o intuito de fazer um levantamento da ocorrência da monotongação no âmbito regional, fez-se necessário um estudo sobre esse fenômeno para identificar os condicionadores que influenciam a redução dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e

/ow/ na fala manauara.

1 Os ditongos e a monotongação no português do Brasil

Segundo Silva (2014; 2015), o ditongo é uma sequência de segmentos vocálicos que ocorrem em uma mesma sílaba, onde um é interpretado como uma vogal, que será o núcleo da sílaba, e o outro é um *glide*, um segmento que apresenta características articulatórias de uma vogal, mas que não pode ocupar a posição de núcleo da sílaba. Na literatura, o *glide* é também chamado de semivogal, semivocoide, semicontoide ou vogal assilábica por ter menor proeminência acentual. Tipicamente, os *glides* ocorrem no Português do Brasil (PB) como as vogais altas [i] e [u].

Cagliari (2007, p. 66) afirma que, embora a noção de ditongo seja familiar, sua aplicação na descrição linguística ainda tem gerado conflitos entre os estudiosos, pois a “[...] noção de ditongo tem sido definida basicamente de dois modos, um com base na noção de silabidade e outro com base na noção de movimento articulatorio, associado a uma mudança da qualidade vocálica.” Logo, além da definição de um ditongo como sendo a ocorrência de dois segmentos vocálicos em uma mesma sílaba, como difundido majoritariamente, o ditongo pode ser entendido como a ocorrência de uma vogal que muda de qualidade durante sua produção, sendo esta a definição mais adequada defendida pelo autor.

O ditongo se difere de hiato, ou seja, de duas vogais separadas por um limite silábico, pelo tempo de duração do movimento articulatorio, que no caso da sequência de duas vogais é maior, como pode ser notado em *vou* [vow] e *vo* [vou]. Cagliari (2007, p. 70) enfatiza que “[...] um ditongo se distingue de uma sequência de vogais porque o ditongo ocorre numa única sílaba e a sequência de duas vogais ocorre com cada vogal em uma sílaba diferente”.

Quanto à classificação, os ditongos podem ser classificados como orais e nasais, e, também, como crescentes e decrescentes. Os ditongos crescentes apresentam a parte final do ditongo mais proeminente do que a inicial, ou seja, possuem a sequência *glide*-vogal como em *quase*; já os decrescentes apresentam a parte inicial do ditongo mais proeminente e possuem a sequência vogal-*glide* como em *pau*.

Alguns ditongos podem ser reduzidos a uma vogal e o *glide* não se manifesta

foneticamente como em *caixa*, *peixe* e *couve* que podem ser reduzidos para *caxa*, *pexe* e *cove*, respectivamente. Esse fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido como um monotongo, ou seja, como uma única vogal, é chamado de monotongação (Seara; Nunes; Lazarotto-Volcão, 2019; Silva, 2014).

A redução de ditongos a monotongos não é livre e ocorre em contextos específicos e em diferentes classes gramaticais, de acordo com Silva (2014). Os ditongos [aj] e [ej] que potencialmente podem ser reduzidos não podem estar em final de palavra como, por exemplo, em *sai* e *sei*. Para o ditongo [ow] que pode ser reduzido para [o], a redução se dá em várias posições como em *cenoura* > *cen[o]ra* e *falou* > *fal[o]*. Além disso, alguns contextos são favoráveis para o processo de monotongação no Português do Brasil (PB): quando um ditongo decrescente /ej/ é seguido de tepe [r], também chamado de *r* fraco, como em *feira* > *f[e]ra*; quando /aj/ e /ej/ são seguidos de consoante fricativa alveopalatal surda [ʃ] como na palavra em *caixa* > *caxa* e *peixe* > *p[e]xe*, ou de sonora [ʒ] como em *feijão* > *f[e]jão*. O ditongo /ow/ tende a se realizar como [o] independente do contexto seguinte.

Bisol (1999) afirma que os ditongos decrescentes que variam com monotongos, como em *p[e]xe* ~ *p[e]xe*, são analisados como ditongos leves, ou falsos ditongos, e são ligados a um único elemento V, ao passo que os verdadeiros ditongos, aqueles que não são passíveis de redução, como em *r[e]tor* ~ **r[e]tor*, são ligados a dois elementos V. Muitos são os ditongos que ocorrem no PB e é impossível dar conta de todos eles em um único estudo. Os ditongos investigados neste trabalho são os ditongos decrescentes orais mais recorrentes no PB e que variam com monotongos, sendo eles /aj/, /ej/ e /ow/.

1.1 Estudos empíricos sobre a monotongação

No Quadro 1, são descritas pesquisas sobre o fenômeno da monotongação no Brasil.

Quadro 1 - Estudos empíricos no Brasil
Estudos empíricos envolvendo a monotongação no Brasil

<i>Pesquisador</i>	<i>Título</i>	<i>Informações gerais</i>
Rosa Assis Veado (1983)	Redução do ditongo: uma variável sociolinguística	Analisou as alternâncias de [ow]~[o] e [ej]~[e] na fala casual e formal em Belo

		Horizonte.
Raquel Lopes (2002)	A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA	Investigou a realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ em Altamira-PA com dados do projeto <i>ALIPA - Atlas Geolinguístico do Estado do Pará</i> .
Marisa Porto do Amaral (2005)	Ditongos variáveis no sul do Brasil	Analisou a variação do ditongo [ej] em três cidades de diferentes colonizações no Rio Grande do Sul – Flores da Cunha, Panambi e São Borja –, com dados do Projeto VARSUL.
Solange Carlos Carvalho (2007)	Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala do Recife	Investigou o apagamento dos <i>glides</i> /j/ e /w/ dos ditongos decrescentes orais /aj/, /ej/, /oj/, /aw/, /ew/, /ow/ na fala de Recife.

Fonte: Oliveira (2021)

Em algumas dessas pesquisas, certos ditongos decrescentes tendem a ser reduzidos na fala, em que, a depender do ditongo e do contexto, há maior utilização das formas reduzidas e, em alguns casos como o de /ow/, a monotongação chega a ser quase categórica na fala de algumas cidades brasileiras. No Estado do Amazonas, especificamente, destacam-se o trabalho de Cruz (2004), de Justiniano (2012) e de Silva (2017), aos quais serão reportados brevemente.

Cruz (2004) realizou um estudo dialetológico para a construção do *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)* e investigou a monotongação de /ej/ e /ow/ em nove pontos de inquérito, sendo eles: Barcelos, Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins. A investigação apontou que o ditongo [ej], mesmo nos contextos considerados de redução, diante de [ʃ] e [ʒ], obteve índices significativos de manutenção. A manutenção do ditongo /ow/ para [ow] ocorreu em 49,30% dos dados, em variação com a monotongação para [o] com 49,40% de frequência. A autora conclui que a manutenção dos ditongos /ej/ e /ow/ ainda é bastante produtiva nos falares amazonenses.

Justiniano (2012) investigou a realização dos ditongos /ej/ e /ow/ nas cidades de Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira em seu estudo dialetológico para o *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro (ALFARiN)*. Os resultados gerais apontaram que no Alto Rio Negro prevalece a monotongação. Dos treze vocábulos para

a investigação de /ej/, a média percentual de monotongação foi de 54,97% contra 45,03% de manutenção de ditongo. Para o ditongo /ow/, a realização [o] se mostrou mais produtiva, com uma média percentual de 83,33% contra 16,67% de manutenção da forma [ow].

Silva (2017) investigou a realização de /ej/ e /ow/ com foco na interferência da fala na escrita em textos de alunos do ensino médio integrado ao técnico do IFAM – *Campus Manaus Zona Leste*, em Manaus (AM). Foram analisados 292 textos de alunos das três séries do ensino médio, estratificados por sexo. A autora conclui que diferentemente da fala, a monotongação é pouco produtiva na escrita e ocorre em maior número nas primeiras séries do ensino médio e diminui à medida que os alunos avançam de série.

Poucas são as pesquisas sobre a realização variável dos ditongos no Amazonas. O de Cruz (2004) e o de Justiniano (2012) são pesquisas dialetológicas que utilizaram apenas aplicação de Questionário Fonético-Fonológico para a coleta de dados, com um número limitado de itens lexicais com os ditongos em estudo, e sem o controle de variáveis independentes linguísticas. O de Silva (2017) é voltado para a escrita. Desse modo, foi necessário realizar um estudo sobre a realização variável dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ com dados de fala de Manaus sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista.

2 Procedimentos metodológicos da pesquisa

2.1 O contexto da pesquisa e o perfil dos informantes

O contexto para realização desta pesquisa sociolinguística variacionista foi a comunidade manauara. Para participar da pesquisa, o informante deveria obedecer aos seguintes critérios de inclusão: ter nascido na cidade de Manaus; possuir pais também de Manaus, ou que tenham chegado durante a infância; residir em Manaus; não ter se afastado da cidade por mais de cinco anos, principalmente nos anos iniciais de aquisição da linguagem; e possuir escolaridade a partir do ensino fundamental completo.

Seguindo esses critérios e levando em consideração o fenômeno investigado e o momento de pandemia, definimos que nossa amostra seria formada por 16 informantes

da cidade de Manaus estratificados conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Distribuição dos informantes

	Localização	Bairros Centrais				Bairros Periféricos			
	Escolaridade	8 a 12 anos de escolaridade		Mais de 12 anos de escolaridade		8 a 12 anos de escolaridade		Mais de 12 anos de escolaridade	
	Sexo	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Faixa-Etária	18 a 33 anos	1	1	1	1	1	1	1	1
	34 a 49 anos	1	1	1	1	1	1	1	1
Total		2	2	2	2	2	2	2	2

Fonte: Oliveira (2021)

É importante destacar que toda pesquisa que envolve seres humanos, incluindo a pesquisa sociolinguística, precisa ser submetida à aprovação prévia do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) antes do início da coleta de dados. Nosso projeto foi submetido ao CEP da UFAM em junho de 2020 e aprovado no mesmo mês com CAAE nº 33526920.8.0000.5020 por cumprir integralmente com as determinações das resoluções vigentes.

2.2 A constituição dos corpora

Para que nos dados gerados ocorressem palavras com o fenômeno investigado, a entrevista individual programada foi dividida em três momentos, que correspondiam aos três modos distintos de coleta para captação de diferentes registros de fala: entrevista sociolinguística, com perguntas abertas inseridas em cenas temáticas previamente estabelecidas em um roteiro de entrevista com tópicos que envolviam o cotidiano do informante, o cotidiano manauara, violência, risco de morte, infância, dentre outros; aplicação de questionário fonético-fonológico com 60 perguntas; e leitura de texto no formato de manchetes de jornais ou pequenas notícias, que continham palavras com o fenômeno investigado para fazermos um registro mais formal e monitorado pela leitura.

Após a finalização de cada entrevista, os dados foram transcritos foneticamente de acordo com as ocorrências de cada variante dos ditongos /aj/, /ej/, e /ow/, e a

identificação dos contextos em que ocorreram (linguísticos e extralinguísticos). Em seguida, os dados de cada ditongo foram codificados e submetidos separadamente a análises estatísticas por meio do *GoldVarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005).

2.3 As variáveis controladas na pesquisa

Para analisar o fenômeno da monotongação na comunidade manauara, selecionamos os ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ como as variáveis dependentes. Essas variáveis são binárias, isto é, cada uma possui duas variantes, a manutenção do ditongo e a redução a um monotongo.

As variáveis independentes controladas foram linguísticas (contexto seguinte, tonicidade, posição do ditongo na palavra e classe gramatical) e extralinguísticas (sexo, faixa etária, escolaridade, localização da moradia e tipo de coleta).

3 Apresentação e análise dos resultados

Escolheu-se a variante reduzida de cada ditongo como aplicação da regra nas análises estatísticas. Os resultados para cada variável dependente são descritos nas próximas seções.

3.1 Ditongo /aj/

Após análise inicial e a exclusão dos casos categóricos, restaram 552 dados para o *corpus* de /aj/, que foram submetidos a análises estatísticas realizadas pelo programa *GoldVarb X*. O resultado geral com o número de ocorrências e frequência de uso para cada uma das variantes do ditongo /aj/ é apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Frequência geral da realização variável do ditongo /aj/

Variantes	Ocorrências	%
[a] – Redução do ditongo	101	18,3
[aj] – Manutenção do ditongo	451	81,7
Total	552	

Fonte: Oliveira (2021)

A frequência de uso da variante monotongada [a] foi baixa, ocorrendo em apenas

18,3% dos dados, que corresponde a 101 ocorrências, enquanto a variante [aj] foi a forma mais produtiva com 81,7% de frequência, que corresponde a 451 ocorrências, o que indica que a monotongação é bem restrita na comunidade estudada.

As variáveis independentes selecionadas como significantes pelo *GoldVarb X* para o uso da variante [a], foram, conforme ordem de relevância: *contexto seguinte*, *tipo de coleta*, *posição na palavra* e *escolaridade*. As variáveis fricativa labiodental /v/, fricativas alveolares /s, z/ e fricativa glotal /h/ foram amalgamados e recodificados como outras consoantes devido à baixa incidência da monotongação diante dessas consoantes. Para melhor apresentação dos resultados, dividimos os grupos de fatores em linguísticos e extralinguísticos, conforme Tabela 2.

Tabela 2 - Grupos de fatores relevantes para [a]

Linguísticos	Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<i>Contexto seguinte</i>	Fricativa alveopalatal [ʃ]	96/213	45,1	0,96
	Vogais	3/128	2,3	0,19
	Outras consoantes	2/211	0,9	0,08
<i>Posição na palavra</i>	Medial Inicial	22/68	32,4	0,78
		79/484	16,3	0,45
Extralinguísticos	Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<i>Tipo de coleta</i>	Entrevista Leitura	45/210	21,4	0,82
	Questionário	31/188	16,5	0,32
		25/154	16,2	0,22
<i>Escolaridade</i>	Escolaridade 1 (8 a 12 anos)	56/239	23,4	0,60
	Escolaridade 2 (mais de 12 anos)	45/313	14,4	0,42

Significância: 0,016

Input: 0,045

Fonte: Oliveira (2021)

A primeira variável selecionada foi *contexto seguinte*. Inicialmente, foram controlados todos os contextos encontrados nos dados. Contudo, em virtude de *knockouts* ocasionados possivelmente pelo número reduzido de dados em alguns contextos, tivemos que amalgamar fatores. Manteve-se o fator *fricativa alveopalatal [ʃ]*, que apresentou maior número de ocorrências com a forma reduzida [a], e o fator *vogais* que em virtude

de suas características articulatórias não poderia ser agrupado com outros fatores. Os demais contextos consonantais foram agrupados, ficando, ao final da rodada, somente os fatores *fricativa alveopalatal [ʃ]*, *outras consoantes* e *vogais*. Os resultados mostram que a variante reduzida [a] ocorre em contextos muito específicos, quase exclusivamente diante da fricativa alveopalatal surda [ʃ], como em *ap[a]xonada*, *b[a]xo*, *c[a]xa*, por exemplo, que ocorreu em 45,1% dos dados com 0,96 de peso relativo, o que indica que o ditongo [aj] seguido de [ʃ] tende a ser reduzido para [a]. Já diante de outros contextos quase não há redução, uma vez que diante de vogais ocorreu em 2,3% dos dados com 0,19 de peso relativo, e diante de outras consoantes em apenas 0,9% dos dados com 0,08 de peso relativo.

O segundo fator selecionado foi a posição da variável linguística na palavra, ou seja, a posição do ditongo ou a sua redução na posição inicial, medial ou final da palavra. Portanto, analisamos se ocorria a monotongação quanto à variável controlada *posição na palavra*. Ocorrências com o ditongo /aj/ em posição final de palavra foram retiradas da análise visto que essa posição bloqueia a redução. Os dados mostram que quando o ditongo [aj] está localizado em posição *medial* de palavra, como em *cad[e]ra*, ele tem maior probabilidade de redução a [a], com 0,78 de peso relativo. Já quando ele está localizado em posição *inicial*, a probabilidade de redução é menor, com 0,45, como em *b[oj]úna*.

O primeiro condicionador extralinguístico selecionado foi *tipo de coleta*, controlado para medir se a monotongação está sujeita à variação estilística de acordo com o grau de formalidade atribuído a cada instrumento de coleta: *entrevista*, *questionário* e *leitura*. A entrevista foi o contexto mais favorável para a monotongação, apresentando 21,4% de frequência de uso de [a] e 0,82 de peso relativo (PR). Os demais contextos se mostraram desfavoráveis para a aplicação da regra de monotongação, em que a leitura obteve 16,5% de frequência e 0,32 de peso relativo, e o questionário 16,2% e 0,22. Em termos de frequência, o uso da variante [a] foi reduzido nos três instrumentos, atingindo o máximo de 21,4% na entrevista, ou seja, a variante [aj] foi a mais produtiva nos três tipos de coleta. Porém, em termos de favorecimento, o contexto menos monitorado da entrevista se mostrou favorável para o uso da variante [a], enquanto os contextos mais monitorados se mostraram desfavoráveis para a redução.

A escolaridade tem se mostrado como um dos poucos grupos de fatores de ordem

social relevantes para o fenômeno da monotongação. Na comunidade estudada, falantes com *escolaridade 1*, que estudaram pelo período de 8 a 12 anos, utilizaram mais a variante reduzida [a], com 23,4% de frequência, do que falantes com *escolaridade 2*, que estudaram por mais de 12 anos, com apenas 14,4% dos dados. Em termos de favorecimento, falantes com menos escolaridade apresentaram maior probabilidade de utilizar a forma reduzida, ou seja, foram mais favoráveis à aplicação da regra (0,60), enquanto falantes com mais escolaridade apresentaram menor probabilidade, sendo desfavoráveis à monotongação (0,42). Os grupos de fatores *sexo*, *classe gramatical*, *localização de moradia*, *faixa etária* e *tonicidade* foram eliminados pelo programa estatístico por não terem sido consideradas relevantes para a aplicação de regra.

3.2 Ditongo /ej/

Para o ditongo /ej/, foram analisadas 1.597 ocorrências. O resultado geral para a realização variável de /ej/ é ilustrado na Tabela 3.

Tabela 3 - Frequência geral da realização variável do ditongo /ej/

Variantes	Ocorrências	%
[e] – Redução do ditongo	807	50,5
[ej] – Manutenção do ditongo	790	49,5
Total	1.597	

Fonte: Oliveira (2021)

A variante monotongada [e] foi a mais produtiva, ocorrendo em mais da metade dos dados, com 50,5% de frequência de uso, enquanto a forma [ej] ocorreu em 49,5% dos dados, o que indica que as duas variantes estão concorrendo igualmente para a realização de /ej/.

As variáveis independentes selecionadas como significativas pelo programa *GoldVarb X* para o uso da variante [e] foram, nesta ordem: *contexto seguinte*, *tipo de coleta*, *escolaridade*, *sexo*, *faixa etária*, *classe gramatical* e *posição na palavra*.

Tabela 4 - Grupos de fatores relevantes para [e]

Linguísticos	Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<i>Contexto seguinte</i>	Tepe [r]	523/682	76,7	0,79
	Fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]	206/343	60,1	0,67
	Outras consoantes	19/98	19,4	0,24
	Oclusivas	48/302	15,9	0,15
	Vogais	11/172	6,4	0,04
<i>Classe gramatical</i>	Substantivos	693/1.269	54,6	0,52
	Outras	46/116	39,7	0,51
	Verbos	68/212	32,1	0,36
<i>Posição na palavra</i>	Medial	503/838	60,0	0,55
	Inicial	304/759	40,1	0,44
Extralinguísticos	Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<i>Tipo de coleta</i>	Entrevista	352/555	63,4	0,71
	Questionário	242/565	42,8	0,40
	Leitura	213/477	44,7	0,35
<i>Escolaridade</i>	Escolaridade 1 (8 a 12 anos)	453/778	58,2	0,63
	Escolaridade 2 (mais de 12 anos)	354/819	43,2	0,36
<i>Sexo</i>	Homem	478/849	56,3	0,60
	Mulher	329/748	44,0	0,38
<i>Faixa etária</i>	Faixa 1 (18 a 33 anos)	412/781	52,8	0,55
	Faixa 2 (34 a 49 anos)	395/816	48,4	0,45

Significância: 0,043

Input: 0,479

Fonte: Oliveira (2021)

Na Tabela 4, estão descritos os resultados por grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, mas respeitando a ordem de seleção para cada termo.

Em relação ao *contexto seguinte*, o ambiente que mais favoreceu a variante [e] foi *tepe*, em palavras como *brincad[e]ra* e *cald[e]rada*, por exemplo, com 76,7% de frequência de uso e 0,79 de peso relativo. O segundo contexto favorecedor foi *fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]*, como em *d[e]xar* e *qu[e]jo*, com 60,1% de frequência e 0,67 de peso relativo. Isso quer dizer que quando [ej] é seguido de tepe [r] ou das fricativas

alveopalatais [ʃ, ʒ], há grande probabilidade de haver apagamento do *glide*. Os demais contextos controlados se mostraram desfavoráveis para o uso da variante [e]. Diante de *outras consoantes* (19,4% e 0,24) exceto oclusivas, a redução parece estar atrelada a palavras específicas, visto que só houve monotongação nas palavras *qu[e]mar*, *qu[e]madura* e *qu[e]madas*. Já diante de *oclusivas* (15,9% e 0,15), a variante [e] só ocorreu nas palavras *f[e]tiço*, *f[e]ticeiro*, *l[e]te*, *enf[e]te*, *az[e]te* e *mant[e]ga* e suas flexões e derivações, como em *mant[e]gas* e *mant[e]gueira*. O contexto seguinte mais desfavorável para a variante reduzida foi *vogais*, com apenas 6,4% de frequência de uso e 0,04 de peso relativo e ocorreu em palavras como *creio*, *teia* e *aldeia*, realizadas como *cr[e]jo*, *t[e]ja*, *ald[e]ja*, respectivamente. Tais resultados confirmam que os contextos mais favoráveis para a redução a [e] são [ʃ], [ʒ]e [r]. Nos demais contextos, a monotongação parece estar mais atrelada a determinados itens lexicais do que aos contextos seguintes.

Quanto à *classe gramatical*, ditongos localizados em substantivos apresentaram maior frequência de uso da variante [e], como em *brincad[e]ra* e *f[e]jjão*, com 54,6%, o que corresponde a 693 ocorrências de [e] de um total de 1.269 dados. Mesmo estando próximo do ponto neutro, os substantivos apresentaram maior favorecimento para a aplicação da regra com 0,52 de peso relativo, seguido de outras classes gramaticais, formada em geral por adjetivos, advérbios e numerais, com 0,51 de peso relativo e 39,7% de frequência de uso. Já os ditongos localizados em verbos apresentaram desfavorecimento para o uso da variante reduzida, com 0,36 de peso relativo e 32,1% de frequência de uso.

A última variável independente linguística selecionada foi *posição na palavra*. Como o ditongo [ej] não reduz a [e] em final de palavra – conforme Silva (2014) e confirmado na primeira rodada dos dados, procedemos à exclusão do fator *posição final de palavra*. Controlamos apenas as posições *inicial* e *medial*. O ditongo /ej/ situado em posição *medial* do vocábulo favoreceu a aplicação da regra, apresentando 60% de frequência de uso e 0,55 de peso relativo para a variante [e]. Já em sílabas iniciais, a redução apresentou desfavorecimento, com 0,44% de peso relativo e 40,1% de frequência de uso. Mesmo falando de favorecimento, a posição do ditongo não parece ter um grande peso na hora de utilizar ou não a forma monotongada [e], já que os pesos relativos estão próximos do ponto neutro.

Quanto aos grupos de fatores extralinguísticos, o eixo estilístico da variação,

mensurado pelo controle do *tipo de coleta*, também se mostrou significativo para realização variável de /ej/. Durante a entrevista, considerada como o contexto menos formal em nossa escala estilística, de um total de 555 dados, em 352 deles houve a utilização da variante reduzida [e], o que corresponde 63,4% de frequência de uso, atingindo 0,71 de peso relativo, ou seja, em situações menos controladas há uma tendência maior de realização da variante monotongada. Os índices de utilização da forma reduzida e de favorecimento da monotongação foram diminuindo na medida em que aumentava o grau de formalidade do instrumento de coleta utilizado. Ao longo do questionário, 42,8% das ocorrências foram da variante reduzida, com peso relativo 0,40, seguido da leitura de texto com 44,7% e 0,35 de peso relativo.

Em relação à *escolaridade*, os resultados mostraram que falantes que frequentaram a escola pelo período de 8 até 12 anos, que corresponde àqueles com ensino fundamental completo até ensino médio completo, utilizaram mais a variante [e], com 58,2% de frequência de uso e 0,63 de peso relativo. Já os falantes com mais de 12 anos de escolaridade, que equivale àqueles que estão cursando ou já cursaram o Ensino Superior, o índice de utilização da variante [e] foi menor, com 43,2% de frequência de uso e 0,36 de peso relativo. Os resultados sugerem que falantes que frequentaram a escola por menos tempo tendem a utilizar mais a variante reduzida do que aqueles que frequentaram a escola por mais tempo, ou seja, quanto menor a escolaridade do falante, maior o índice de monotongação.

Quanto ao *sexo* do falante, os homens usaram mais a variante [e], com 56,3% de frequência de uso, obtendo 0,60 de peso relativo, já as mulheres usaram a forma reduzida em apenas 44,0% dos dados, obtendo 0,38 de peso relativo. Os resultados indicam que, na amostra analisada, os homens tendem a utilizar mais a forma reduzida do que as mulheres, talvez por elas ainda serem consideradas linguisticamente mais conservadoras nas sociedades ocidentais onde tendem a utilizar as variantes de maior prestígio, apesar de acreditarmos que a redução do ditongo não possui avaliação social negativa.

Quanto à *faixa etária*, falantes mais jovens da *faixa 1*, de 18 a 33 anos, se mostraram favoráveis à redução, pois obtiveram 52,8% de frequência de uso da variante [e] e 0,55 de peso relativo. Já os falantes da *faixa 2*, de 34 a 49 anos, se mostraram desfavoráveis para utilizar a variante reduzida, com 48,4% de frequência de uso e 0,45% de peso relativo. Destacamos que a questão do favorecimento de uso da variante

monotongada não apresentou uma influência muito grande de acordo com a faixa etária do falante, já que os resultados dos dois fatores controlados estão próximos do ponto neutro (0,50), o que indica que a idade não tem grande efeito na *escolha* entre as formas variantes. Os grupos de fatores *localização de moradia* e *tonicidade* não foram selecionados pelo *GoldVarb X* como tendo efeito para a monotongação de /ej/.

3.3 Ditongo /ow/

Para a análise de /ow/, 1.749 dados formaram o *corpus* e foram submetidos a análises estatísticas. Os resultados gerais com o número de ocorrências e frequência de uso da realização variável do ditongo /ow/ são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 - Frequência geral da realização variável do ditongo /ow/

Variantes	Ocorrências	%
[o] – Redução do ditongo	1.143	65,4
[ow] – Manutenção do ditongo	606	34,6
Total	1.749	

Fonte: Oliveira (2021)

A redução do ditongo ocorreu em 65,4% dos dados contra 34,6% de manutenção. Nos estudos consultados sobre o ditongo /ow/ em diferentes localidades do Brasil, como o de Veado (1983) e de Lopes (2002), os índices de monotongação foram bem elevados, atingindo mais de 95% de frequência de uso. Ainda que a monotongação tenha atingido maior frequência de uso do que a manutenção, os índices de redução para [o] foram bem menores do que os resultados encontrados em diversas regiões do Brasil, que apontaram a redução de [ow] para [o] como quase efetivada no PB. Em seu estudo dialetológico, Cruz (2004) afirma que a manutenção do ditongo ainda é produtiva no Amazonas, o que de certa forma é confirmado neste estudo variacionista, embora a redução do ditongo para [o] tenha obtido 65,4% de frequência de uso, estando em variação com a manutenção [ow].

Os grupos de fatores selecionados pelo programa *GoldVarb X*, conforme ordem de relevância para o uso da variante [o] foram: *tipo de coleta*, *tonicidade*, *escolaridade*, *contexto seguinte*, *localização de moradia*, *sexo*, *classe gramatical* e *faixa etária*. Na

Tabela 6, apresentamos os resultados para cada grupo de fatores selecionado.

Tabela 6 - Grupos de fatores relevantes para [o]

Linguísticos	Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<i>Tonicidade</i>	Tônico	1.000/1.341	74,6	0,56
	Átono	143/408	35,0	0,29
<i>Contexto seguinte</i>	Vogais	18/24	75,0	0,89
	Oclusivas	412/628	65,6	0,54
	Nasais [m, n]	11/21	52,4	0,54
	Pausa	545/665	82,0	0,52
	Tepe [r]	76/145	52,4	0,50
	Fricativa alveopalatal [ʃ]	23/54	42,6	0,50
	Outras consoantes	58/212	27,4	0,25
<i>Classe gramatical</i>	Verbos	554/696	79,6	0,56
	Substantivos	473/799	59,2	0,49
	Outras	116/254	45,7	0,32
Extralinguísticos	Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
<i>Tipo de coleta</i>	Entrevista	790/922	85,7	0,71
	Questionário	148/346	42,8	0,25
	Leitura	205/481	42,6	0,27
<i>Escolaridade</i>	Escolaridade 1 (8 a 12 anos)	600/821	73,1	0,64
	Escolaridade 2 (mais de 12 anos)	543/928	58,5	0,37
<i>Localização de moradia</i>	Bairros periféricos	647/922	70,2	0,55
	Bairros centrais	496/827	60,0	0,43
<i>Sexo</i>	Homem	691/976	70,8	0,55
	Mulher	452/773	58,5	0,42
<i>Faixa etária</i>	Faixa 1 (18 a 33 anos)	603/886	68,1	0,55
	Faixa 2 (34 a 49 anos)	540/863	62,6	0,44

Significância: 0,001

Input: 0,716

Fonte: Oliveira (2021)

Das variáveis independentes linguísticas, a *tonicidade* foi a primeira selecionada pelo programa estatístico. O fator *tônico* foi o favorecedor para a aplicação da regra, apresentando 74,6% de frequência de uso e 0,56 de peso relativo. Esse percentual corresponde a 1.000 ocorrências da variante [o] de um total de 1.341 dados. Já o fator *átono* se mostrou desfavorecedor para a aplicação da regra com 0,29 de peso relativo e 35,0% de frequência de uso, talvez pelo número reduzido de ocorrências de [o] em sílabas átonas, apenas 143.

Em relação ao *contexto seguinte*, todos os contextos apresentaram variação entre as formas [o] e [ow]. Os resultados indicam que praticamente não existem contextos seguintes bloqueadores para a monotongação de [ow], uma vez que apenas o fator *outras consoantes* se mostrou desfavorável para a aplicação da regra, com peso relativo 0,25 e 27,4% de frequência. Os demais contextos analisados se mostraram neutros ou favorecedores, com pesos relativos acima de 0,50, sendo que diante de *vogais*, a variante [o] teve maior favorecimento, com 0,89 de peso relativo e 0,75% de frequência de uso e ocorreu quase exclusivamente na expressão *ou então* realizada como [o] *então*.

Quanto à *classe gramatical*, os números mostram que a maior ocorrência da variante [o] se deu em verbos, com 554 ocorrências de um total de 696 dados, o que corresponde a 79,6% de frequência de uso. Em termos de favorecimento, o fator *verbos* apresentou 0,56 de peso relativo, que por estar próximo do ponto neutro, indica que os verbos não têm grande peso para o uso da variante reduzida. O número de ocorrências da variante [o] em substantivos também foi expressiva, com 59,2% de frequência de uso e 0,49 de peso relativo, não indicando necessariamente desfavorecimento, mas neutralidade por estar próximo de 0,50. O fator mais desfavorável para a aplicação da regra foi *outras*, que inclui adjetivos, advérbios e conjunções, com 0,32 de peso relativo e 45,7% de frequência.

Em relação aos grupos de fatores extralinguísticos, o *tipo de coleta* se mostrou o mais relevante. Os números indicam que a entrevista, contexto de fala com menor grau de formalidade dos instrumentos de coleta utilizados, se mostrou favorável para o uso da variante monotongada [o] com 0,71 de peso relativo e 85,7% de frequência de uso. Contrário a isso, nos contextos considerados mais formais, os índices de monotongação foram reduzidos, com 42,8% de frequência e 0,25 de peso relativo no questionário e 42,6% e 0,27 na leitura, ou seja, o questionário e a leitura de texto desfavoreceram a variante reduzida, prevalecendo a manutenção do ditongo.

A *escolaridade* do falante se mostrou significativa para o uso da variante reduzida [o]. Os resultados mostram que falantes que frequentaram a escola por menos tempo se mostraram mais favoráveis para o uso de [o], 0,64 de peso relativo e 73,1% de frequência de uso. Falantes com mais escolaridade se mostraram desfavoráveis à redução do ditongo, com peso relativo 0,37 e 58,5% de frequência de uso da forma [o]. Os resultados indicam que a escolaridade é um condicionador extralinguístico relevante para o uso da variante

[o], pois quanto menor a escolaridade do falante, maior é o grau de favorecimento para a monotongação.

A *localização de moradia* foi selecionada como relevante apenas para a realização do ditongo /ow/. Os dados mostram que moradores de *bairros periféricos*, aqueles mais afastados e mais novos da cidade, utilizaram mais a variante [o] do que moradores de *bairros centrais*, geralmente mais antigos e tradicionais. Mesmo com uma frequência de uso elevada (70,2%), a probabilidade de utilização da variante [o] por falantes de bairros periféricos foi de 0,55, que apesar de indicar favorecimento para a aplicação da regra, está próximo do ponto neutro, o que sugere que o grau de favorecimento para a monotongação não é muito grande.

Ainda quanto ao fator *localização de moradia*, falantes de *bairros centrais* obtiveram 60,0% de frequência de uso da forma monotongada e 0,43 de peso relativo, o que assinala desfavorecimento para a utilização da variante reduzida. A questão diatópica mostrou sua importância para a realização variável de /ow/.

Quanto ao *sexo*, os resultados apontam que os homens utilizaram mais a forma reduzida [o], com 70,8% de frequência de uso e 0,55 de peso relativo, enquanto as mulheres utilizaram a variante [o] em 58,5% das ocorrências com 0,42 de peso relativo. Mesmo que a diferença em termos de peso relativo não tenha sido grande, os homens se mostraram mais favoráveis a utilizar a forma reduzida, talvez porque as mulheres ocidentais tendem a ser linguisticamente mais conservadoras quando se trata de variantes de prestígio (Labov, 2008 [1972]), o que não significa que a variante [o] seja desprestigiada na comunidade, já que a sua frequência de uso por mulheres superou a de [ow].

Quanto à *faixa etária*, os números mostram que falantes mais jovens tendem a utilizar mais a variante reduzida do que falantes mais velhos. Na *faixa 1*, que corresponde a falantes de 18 a 33 anos, 68,1% das ocorrências foram da forma reduzida [o], com peso relativo de 0,55, o que mostra que essa faixa é mais propensa a utilizar a variante [o]. Na *faixa 2*, com falantes de 34 a 49 anos, o índice de monotongação apresentou uma leve redução, com 62,6% de frequência de uso e 0,44 de peso relativo, o que indica que essa faixa se mostrou menos favorável à aplicação da regra.

Para o ditongo /ow/, a única variável descartada pelo programa estatístico como não tendo relevância para a redução do ditongo foi a *posição na palavra*.

Considerações finais

No falar manauara, os ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ realizaram foneticamente como [aj], [ej] e [ow], mantendo o *glide*, ou como formas reduzidas [a], [e] e [o], com o apagamento do *glide*, caracterizando, assim, a monotongação, que foi selecionada como aplicação da regra nas análises estatísticas.

Os resultados gerais para o ditongo /aj/ apontaram que o índice de monotongação ainda é bem reduzido, já que a variante [a] obteve apenas 18,3% de frequência de uso contra 81,7% da variante [aj]. Para o ditongo /ej/, o índice de monotongação foi ligeiramente maior do que o de manutenção do ditongo, com 50,5% de frequência de uso da variante [e] e 49,5% da variante [ej], o que indica que a alternância entre as formas [ej]~[e] está proporcional. Os resultados gerais da realização variável do ditongo /ow/ indicaram alta frequência de monotongação, a maior dentre os ditongos analisados, com 65,4% de utilização da variante [o] contra 34,6% da variante [ow], o que mostra que a monotongação de [ow] para [o] é a mais geral e mais abrangente neste estudo.

De modo geral, o *contexto seguinte* foi o condicionador linguístico que se mostrou mais importante para o uso das variantes monotongadas de /aj/, /ej/ e /ow/, pois foi selecionado na análise dos três ditongos. Já o *tipo de coleta* e a *escolaridade* foram os condicionadores extralinguísticos mais significativos para as variantes reduzidas dos ditongos em estudo.

Com base nos resultados, acreditamos que os objetivos estabelecidos neste trabalho foram alcançados e que este estudo permitirá uma maior compreensão das variedades regionais, sobretudo do falar manauara, contribuindo para a difusão dos estudos sobre o português falado no Estado do Amazonas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. P. do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 40, nº 3, p. 101-116, setembro/2005.

BISOL, L. (org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

- CAGLIARI, L. C. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CARVALHO, S. C. de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala de Recife**. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- CRUZ, M. L. de C. **Atlas lingüístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. 2 v. Vol I: 159 p. *mimeo*. Vol II: tomo 1: 110 p. *mimeo*; tomo 2: 260 mapas.
- JUSTINIANO, J. dos S. **Atlas lingüístico dos falares do alto rio Negro – ALFARiN**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.
- LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, R. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **GoldVarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- SILVA, M. do P. S. C. da. **Interferência da fala na escrita de alunos do ensino médio: descrição e análise de usos de monotongação e de apagamento do [R] final**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
- SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- VEADO, M. A. **Redução de ditongo – uma variável sociolingüística**. Ensaios de Lingüística, Belo Horizonte (MG), ano V, nº 9, pp. 209 –229, dez., 1983.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].